

J. P. SULLIVAN E PAULO LEMINSKI: DUAS LEITURAS DO SATYRICON, DE PETRÔNIO

J. P. SULLIVAN AND PAULO LEMINSKI: TWO READINGS OF THE SATYRICON, BY PETRONIUS

Lívia Mendes Pereira¹

RESUMO

Diante da rica fortuna tradutória do *Satyricon* de Petrônio, o presente trabalho seleciona e coloca em foco duas traduções poundianas da obra. A tradução do classicista e tradutor norte-americano J. P. Sullivan, lançada em 1965 pela editora *Penguin Books*, e a do poeta e tradutor brasileiro Paulo Leminski, lançada em 1985 pela editora Brasiliense. A partir dessas duas obras, pretendemos demonstrar quais foram os diversos resultados alcançados, no nível da linguagem e da interpretação, comparando trechos coincidentes entre as duas traduções, como produtos da leitura de Pound e sob as influências dos novos hábitos culturais.

Palavras-chave: *Satyricon*, Petrônio, Leminski, Sullivan, Recepção da literatura greco-romana.

¹ Doutoranda em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Mestra em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista/ Campus Araraquara. liviamendesletras@gmail.com.

ABSTRACT

Given the rich translational fortune of Petronius' *Satyricon*, this paper selects and puts into focus two Poundian translations of the literary work. The translation of the classicist and north American translator J. P. Sullivan, *Penguin Books* (1965), and the Brazilian poet and translator Paulo Leminski, *Brasiliense* (1985). From these two works, we intend to show the different results achieved at the level of language and interpretation, comparing overlapping sections between the two translations, as Poundian reading product and under the influence of new cultural habits.

Key-words: *Satyricon*, Petronius, Leminski, Sullivan, Greco-Roman literature reception.

SULLIVAN E A TRADUÇÃO DO SATYRICON

J. P. Sullivan era professor de Língua e Literatura Clássica na Universidade de Santa Bárbara, quando faleceu em 1993. Ministrou aulas em diversas universidades norte-americanas. É autor de muitos livros, inclusive o estudo “*Satyricon* de Petrônio: um estudo literário” e “Literatura e política na era de Nero”. Fascinado pelos problemas de tradução dos clássicos, deu uma série de palestras sobre o tema, esses questionamentos fazem de sua versão do *Satyricon*, uma grande e respeitável tradução. Lançada em 1965, pela editora Penguin Books, situa-se no movimento *Swinging Sixties*, nascido em Londres e repercutido pelo mundo, e dois anos antes da euforia *hippie*, culminada pelo *Summer of Love*, em abril de 67. Trata-se de um projeto marcante por quebrar as regras e não censurar as cenas eróticas, muito presentes no livro. Dois anos antes, a editora tinha sido processada pela publicação de um livro erótico e sua absolvição nesse processo, abriu a possibilidade para a publicação da tradução do *Satyricon* sem censura das cenas de sexo mais explícitas. A obra foi de grande fascínio para os anos 60, rerepresentando o estilo e o tom petroniano em tempos mais libertários. Nessa época, surgiam os primeiros estudos narratológicos e Sullivan estava

na vanguarda dos desenvolvimentos da crítica literária. Co-fundador da revista *Arion*, dedicou um número especial para Petrônio, em 1966.

Para a reedição de sua tradução, em 1986, usou o texto latino de Konrad Müller (*Petronius Satyricon*, Munich, 1983), e não seguiu o texto na íntegra, mas completou algumas partes em que discordava do estabelecimento. Sullivan discorre na Introdução de sua tradução sobre as dificuldades de traduzir um texto em Latim, sobre o qual temos referência apenas de trechos desconectados e fragmentados. Ele diz ainda que tentou fazer o máximo possível para trazê-lo para os seus dias atuais, dando ênfase no tom e estilo particulares de Petrônio.

Para Sullivan, “sobretudo, o tom [petroniano] é de suprema importância, mais importante até do que o alcance e a flexibilidade de seu estilo e assunto, pois é por meio do tom que a objetividade e a ironia do autor se tornam visíveis” (PETRONIUS, 2011, p. 29).

LEMINSKI E A TRADUÇÃO DO SATYRICON

Paulo Leminski, poeta curitibano, nasceu em 1944, deu a público seus primeiros escritos na revista *Invenção*, mantida pelos poetas concretistas Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari, em meados da década de 1960. Leminski também ministrou aulas em cursos pré-vestibulares, trabalhou com publicidade e foi editor em diversos jornais. Transitou em diversos gêneros textuais como o romance, o conto, a crônica, o ensaio, a poesia, dentre outros. Com complicações em sua saúde, o poeta faleceu em 7 de Junho de 1989.

A tradução do *Satyricon*, de Leminski, lançada em 1985 pela editora Brasiliense, é a terceira tradução do livro, em língua portuguesa, no Brasil. É muito provável que Leminski tenha utilizado a versão do texto latino presente

na edição bilíngue da Editora Garnier, publicada em 1934 (cf. PÉTRONE, 1948), que se trata da versão menos criteriosa do texto em que ele é completado juntando as lacunas presentes nos manuscritos². Leminski não estava particularmente preocupado com questões filológicas, mas sim em propor uma tradução com um olhar “criativo”, seguindo um modelo tradutório que dialogava com as ideias de Eliot³ e Pound, então em voga. Nesse sentido, a escolha da versão do texto latino sem lacunas indica uma maior preocupação com o público leitor e com o mercado editorial, já que se baseou em uma edição bastante difundida da obra na época.

Leminski oferece em sua edição um prefácio intitulado “Um romance jovem de dois mil anos” em que afirma ter preservado em seu texto os valores orais e populares da linguagem de Petronio, transpondo-os para uma linguagem viva dos dias atuais. Ele critica ainda as traduções francesas, chamando-as de “traidoras”, pois amenizam os sentidos das palavras presentes no texto latino. Leminski justifica suas escolhas tradutórias ao dizer que sua tradução não é feita para especialistas, porém trata-se de um compromisso entre uma fidelidade essencial ao texto latino juntamente com o objetivo de envolver o leitor de sua época na vida de um texto escrito havia quase dois mil anos.

Nessa mesma edição, Leminski também oferece um posfácio intitulado “Latim com gosto de vinho tinto”, em que manifesta seu modo de proceder na tradução: “ao tradutor que quer devolver um vivo aos vivos, uma tarefa

² O texto da Garnier contém as interpolações de Francisco Nodot que dizia ter achado, em 1668, em Belgrado, um novo manuscrito sem lacunas e publicou o texto em Rotterdam, em 1692 e em Paris no ano seguinte. Trata-se de um dos debates constantes na chamada “Questão petroniana” (cf. Enzo V. Marmorale, *La questione petroniana*, 1948).

³ Sobre a criatividade da tradução Eliot (1921) diz: “We need an eye which can see the past in its place with its definite differences from the present, and yet so lively that it shall be as present to us as the present. This is the creative eye;” (ELIOT, 1921, p.77).

ingrata. Entre trair Petrônio e trair os vivos, escolhi trair os dois, único modo de não trair ninguém” (PETRÔNIO, 1985, p. 190). Para ele, há no *Satyricon* uma forte presença da condição humana “uma humanidade feita de grandezas e baixeiras, de esplendores e misérias, coisa, aliás, que o romance vem fazendo desde que o *Satyricon* nasceu, e deu o primeiro exemplo” (PETRÔNIO, 1985, p. 191).

POUND E O MAKE IT NEW

A principal influência tradutória de Sullivan e Leminski foi o poeta, tradutor e crítico literário americano, Ezra Pound, que transmitia a ideia da delimitação de uma “tradição literária”, que ele denominava de “paideuma”, de boa literatura para os novos poetas. Para Pound “grande literatura é simplesmente linguagem carregada de significado até o máximo grau possível” (POUND, 1970, p.40) e é sob esse prisma que ele oferece sua proposta de leitura dos clássicos.

Pound não só examinava com uma “nova sutileza de olhos” os escritores de outras épocas e latitudes, mas os vertia para a língua inglesa, ainda, ou principalmente, quando apresentavam problemas quase intransponíveis para a tradução. Adotou o lema confuciano: MAKE IT NEW (renovar), para dar nova vida ao passado literário via tradução. E criou uma nova modalidade crítica: *criticismbytranslation*. [...] Um aspecto inconfundível da arte de traduzir poundiana é a ausência de ortodoxia, a extraordinária liberdade de suas recriações (CAMPOS, 1993, pp. 20-21).

Portanto, os projetos tradutórios de Leminski e Sullivan passaram pelo ideal poundiano⁴, que faz com que a tradução seja igualada à criação, se confundindo em um único objetivo que é o de renovar (*make it new*).

Assim, tendo como referência as escolhas tradutórias de Pound, a partir da análise dos capítulos I a XXVI do *Satyricon* e suas respectivas traduções, iremos perceber de que forma cada tradutor responde em sua prática às ideias poundianas sobre o ato de traduzir.

ANÁLISE COMPARATIVA: CAPÍTULOS I A XXVI

Apresentaremos uma análise comparativa levando em consideração o teor erótico trabalhado nas traduções de Sullivan e Leminski. Na realização da análise utilizaremos o texto latino na versão da Garnier (1948) e a “tradução de serviço” em língua portuguesa realizada por nós.

Como indicado na tradução de Sullivan, o tradutor teve a intenção de transmitir as cenas eróticas do *Satyricon* em uma linguagem mais moderna e sem censuras, marcando o período de manifestações populares, contra a guerra, em favor do amor e da liberdade nos Estados Unidos. Da mesma forma, como pudemos apurar, a tradução de Leminski foi lançada em uma coleção de obras com teor erótico e também em um momento de abertura política no Brasil, marcado pelos anos oitenta. Outro fator em comum entre os dois tradutores é a influência dos ideais poundianos de tradução.

O objetivo da análise é o de perceber como cada tradutor trabalha a linguagem erótica, recriando, dessa forma, o texto de partida latino para o seu contexto sócio-político-cultural em língua inglesa e portuguesa,

⁴ Segundo John Milton “Diferente dos românticos ingleses, Pound vê a tradução como a força motriz no processo criativo e como elemento central ao desenvolvimento das literaturas. [...] Assim, Pound trouxe a tradução para o centro do palco literário do século XX” (MILTON, 2010, p.143).

respectivamente. Também analisaremos como os dois tradutores, no tocante às cenas eróticas, instauram o poundiano *make it new*.

Logo no início da história, nos capítulos VI, VII e VIII, Encópio e Ascilto estão entretidos com a fala do retor Agamenon. Ascilto desaparece e, depois de um tempo, o amigo sente sua falta e vai procurá-lo. Porém, sem saber onde ficava a estalagem em que estavam hospedados, Encópio vai ao encontro de uma velhinha, que vendia verduras, e pergunta se ela sabe onde ele estava hospedado. A senhora o leva para uma casa de prostitutas, onde ele se encontra, novamente, com Ascilto, que lhe conta suas peripécias. Nesse trecho, há o uso de alguns termos específicos e algumas palavras de baixo calão, que, segundo Caldas Aulete se trata de “vocabulário vulgar, ou obsceno; palavra ou expressão desse vocabulário”, a partir dos quais poderemos perceber, por meio da análise comparativa entre o texto latino de partida e os textos de chegada, na tradução de Sullivan e Leminski, quais foram suas escolhas e o quanto essas escolhas estão relacionadas ao próprio sentido latino ou à sua recriação em língua moderna.

No começo do capítulo VII, Petrônio denomina a senhora, que mais para frente saberemos se tratar de uma prostituta mais velha, como *mater*, no texto latino, que será traduzido por Sullivan como “*mother*” e por Leminski como “vovó”, já indicando a ironia por se tratar de uma senhora de idade, que mais adiante será referenciada pela palavra latina *anus*.

No momento em que Ascilto não reconhecia o espaço em que a senhora o teria levado temos no original: “*Cum ego negarem me cognoscere domum, video quosdam inter titulos nudasque meretrices furtim conspatiantes*”⁵ (PÉTRONE, 1948, p.12). Sullivan faz uma tradução mais literal às palavras

⁵ “Enquanto eu negava reconhecer aquela casa, vi, em meio a letreiros, meretrizes nuas e alguns homens que passeavam furtivamente” (as traduções do latim, doravante serão de nossa autoria).

deste trecho “*I was just telling her I did not recognize the place, when I caught sight of some naked old prostitutes and some customers furtively prowling up and down in the middle of them*”⁶ (PETRONIUS, 2011, p.38). Leminski, por sua vez, recria o trecho, com outras palavras, utilizando uma expressão coloquial para dizer que não reconhecia o lugar, da seguinte forma: “Aquilo não era minha casa nem aqui nem na puta que pariu. E foi umas putas que eu vi lá dentro, passeando nuas, pra lá e pra cá, na penumbra” (PETRÔNIO, 1985, p.14). Note-se que o termo *meretrices*, em latim, é mais formal, e Sullivan o transpõe em inglês pelo decalque de um outro termo latino *prostitutes*, diferentemente de Leminski, que mantém a linguagem mais coloquial em português, traduzindo-o por “putas”. O brasileiro também aproveita para utilizar uma expressão coloquial formada por termos de baixo calão para indicar o sentido em língua latina de que o personagem não estava reconhecendo aquele lugar: “Aquilo não era minha casa nem aqui nem na puta que pariu” (PETRÔNIO, 1985, p.14, grifos nossos).

Ascilto, então, começa a descrever o que havia lhe acontecido e diz ter encontrado um rapaz para ajudá-lo no caminho, em seguida, Ascilto diz quais eram as intenções do homem “*prolatoque peculio coepit rogare stuprum*”⁷ (PÉTRONE, 1948, p.14). No trecho em língua latina fica claro que o personagem tinha a intenção de pagar por uma relação sexual, sendo que o termo *stuprum*⁸ tem uma conotação negativa de desonra, relacionado com relações sexuais ilícitas forçadas ou não. Como indica Richlin (1978, p.63), Petrónio utiliza esse termo técnico para despertar a curiosidade do leitor, a

⁶ “Eu estava apenas dizendo a ela que eu não reconhecia o lugar, quando eu avistei algumas prostitutas velhas e nuas e alguns clientes furtivamente rondando para cima e para baixo no meio deles” (as traduções do inglês, doravante serão de nossa autoria).

⁷ “E mostrando os bens começou a pedir uma relação ilícita”.

⁸ Ver Oxford Latin Dictionary (GLARE, 1968, doravante OLD), que cita de Plauto, Anfitrião e Casina, “Illicit sexual intercourse in any form (whether force or note) or an instance of it” (2).

autora confirma que seu significado está realmente relacionado a qualquer ato sexual desrespeitoso. Na tradução, Sullivan ameniza o sentido dizendo “*Then he offered me money and began making improper suggestions*”⁹ (PETRONIUS, 2011, p.38), ou seja, ele optou por não fazer referência direta ao termo *stuprum* e se referiu à ação do homem como “*improper suggestions*”¹⁰. Leminski, seguindo a unidade de tom de sua tradução, nesse trecho extrapola o sentido do termo *stuprum*, dizendo “puxou uma bolsa de dinheiro e me perguntou por quantas moedas eu dava o cu” (PETRÔNIO, 1985, p.15, grifos nossos), fazendo referência, portanto, ao ato sexual pressuposto pelo termo latino e levando em consideração de que se trata de dois personagens masculinos.

Ascilto termina o diálogo dizendo, que a mulher já tinha dado o dinheiro ao homem, que iniciava a ação e, se ele não fosse forte teria se dado mal, como vemos no texto de Petrônio: “*Jam pro cella meretrix assem exeferat, jam ille mihi injecerat manum; et, nisi valentior fuisset, poenas dedisset*”¹¹ (PÉTRONE, 1948, p.14). Nesse trecho, aparece novamente a palavra latina *meretrix* e, mais uma vez, Sullivan ameniza o significado na tradução, traduzindo por “*woman*” e Leminski mantém sua tradução, com o termo coloquial “puta”. Nesse trecho também aparece a expressão latina “*injecerat manum*”¹², que possui um sentido figurado de “insinuação ao agarrar, sugerir algo”. Sullivan ameniza novamente esse sentido ao dizer “*He had his hand*

⁹ “Então ele me ofereceu dinheiro e começou a fazer sugestões inapropriadas”.

¹⁰ “Sugestões inapropriadas”.

¹¹ “Já em frente ao quarto a prostituta cobrou o dinheiro, e ele já deitou a mão em mim; e se não tivesse sido mais forte teria sofrido uma punição”

¹² Ver Novíssimo dicionário latino-português (SARAIVA, F. R. S., 2006, doravante SARAIVA), injicio...manum “Deitar a mão a, tomar, apanhar, prender, agarrar, segurar, apoderar-se, assenhorear-se de.” (2)

¹³ Ver OLD, que cita de Sêneca, Epistulas, “to seize a person on whom one has certain types of claim” (6b).

on me¹⁴” (PETRONIUS, 2011, p.38), já Leminski utiliza a expressão “passar a mão” (PETRÔNIO, 1985, p.15), que em português, assim como em Latim, possui uma carga de insinuação: “o cara já começava a me passar a mão” (PETRÔNIO, 1985, p.15).

Há o uso por Petronio da expressão latina “*poenas dedissem*”¹⁵, que significa “sofrer uma punição”. Na tradução, Sullivan mantém o uso da linguagem mais formal e traduz o trecho da seguinte forma “*If I’d not been stronger than he was, I should have been in a bad way*”¹⁶ (PETRONIUS, 2011, p.38), percebe-se que o tradutor mantém em inglês a forma de comparativo do adjetivo latino *valentior* e a forma verbal de *fuissem*, conjugado no mais-que-perfeito do subjuntivo latino, transposto em língua inglesa para o *past perfect*, “*had been*”. Na tradução desse trecho, Leminski, mantém o uso da forma baixa e coloquial da linguagem, relacionada mais uma vez ao teor sexual, da seguinte forma “Se eu não fosse valente, estava fodido” (PETRÔNIO, 1985, p.15). Leminski não conserva o comparativo do termo latino *valentior*, traduzindo-o apenas por “valente” e conjuga o verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo, e não no pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, como no original latino.

O trecho que se segue, na versão latina de Sullivan há uma lacuna, como indicamos anteriormente, Leminski utiliza a versão em que as lacunas são completadas (PÉTRONE, 1948). No texto latino que Leminski seguiu aparece a cena em que Encólpio e Ascilto são carregados para dentro do prostíbulo onde havia muitos casais, como indica o texto “*Subsequimur ergo, et conducti inter titulos, aspicimus complures utriusque sexus ludentes in*

¹⁴ “Ele tinha a mão em mim”.

¹⁵ Ver OLD, *poenas dare* “to pay the penalty, suffer punishment” (1b).

¹⁶ “Se eu não tivesse sido mais forte do que ele, eu estaria em uma pior”.

*cellis*¹⁷” (PÉTRONE, 1948, p.14). Em seguida, na versão com lacunas, aparece apenas uma frase solta que diz: “*adeo ubique omnes mihi videbantur satyrion bibisse*¹⁸” (PÉTRONE, 1948, p.14). Sullivan traduz de forma literal aquilo que foi dito em latim “*In fact, everyone all around seemed to have been drinking aphrodisiac*¹⁹” (PETRONIUS, 2011, p.38). Por outro lado, Leminski inclui um novo dado que não está no texto latino, esta interpretação segue o raciocínio do texto latino que completa a lacuna, em que o espaço era descrito com vários casais transando pelos cantos, dessa forma Leminski traduz “Trepavam com tamanho furor que parecia que tinham todos tomado algum afrodisíaco” (PETRÔNIO, 1985, p.15), interpretando a forma como o narrador via aquelas pessoas afetadas por uma bebida afrodisíaca. Nesta passagem, portanto, Leminski aproveita novamente para utilizar uma expressão extremamente coloquial, movida pelo tom erótico, nesse caso para descrever o ato sexual, utiliza o verbo “trepár”, que tem como sentido popular em língua portuguesa no Brasil, segundo o Caldas Aulete, em sua nona acepção “Manter relações sexuais com” e ainda intensifica a cena dizendo “com tamanho furor”, o que também justifica aquelas pessoas estarem sob o efeito de alguma substância.

Neste capítulo, Leminski aproveita as cenas e as inferências ao ato sexual, as quais os personagens são vítimas no prostíbulo e utiliza diversas expressões populares que indicam esses atos. Constatamos que estes trechos não estão presentes na versão utilizada por Sullivan, pois trata-se das partes completadas, portanto vamos apresentar apenas as versões leminskianas. No trecho “*sed, cum patiens esse nollet, saltem agens foret*²⁰”

¹⁷ “Nós fomos, e conduzidos entre os cartazes, vimos vários de ambos os sexos transando nos cantos”.

¹⁸ “Até esse ponto e em todos os lugares parecia-me que todos tinham bebido um afrodisíaco”.

¹⁹ “Na verdade, todo mundo ao redor parecia ter bebido algo afrodisíaco”.

²⁰ “Mas, uma vez que não quisesse ser passivo, haveria de ser ao menos ativo”.

(PÉTRONE, 1948, p.14), há uma referência ao ato sexual passivo e ativo entre homossexuais, Leminski traduz da seguinte forma: “já que não queria levar, bem que podia comer, já que não queria ser fodido, bem que podia foder” (PETRÔNIO, 1985, p.15). Mais uma vez há a utilização de expressões coloquiais para o ato sexual, primeiramente o verbo “comer” utilizado de forma figurada indicando “ter relação sexual com”, décima terceira acepção do Caldas Aulete, depois o verbo “foder”, que também, segundo Caldas Aulete, significa “ter relação sexual com; copular”. Neste trecho podemos perceber que mesmo utilizando-se de expressões da linguagem baixa Leminski não modifica o sentido latino, ele apenas o registra com maior licenciosidade em português.

No próximo trecho, do mesmo capítulo, Leminski continua a tradução com os mesmos usos de linguagem, utilizando o sentido latino e reinterpretando de maneira informal e bem-humorada. “*Ut conspicimur, nos cinaedica petulantia allicere conati sunt, statimque unus alte succinctus invadit Ascylton, et super eum, grabato prostratum, molere conatus est. Succurro statim patienti*”²¹ (PÉTRONE, 1948, p.14), este trecho é traduzido por Leminski da seguinte forma:

Vendo que a gente olhava para eles, com acrobacias sexuais, começaram a nos tentar aliciar para que entrássemos em seus jogos. Um deles, de pau duro, salta de dentro de uma buceta e parte para cima de Ascilto, pronto para invadi-lo. Derruba meu amigo sobre uma cama e domina-o e já ia faturar seu lordo, quando grito, “esse cu é só meu”, e nós dois, lutando, nos desvencilhamos do intruso (PETRÔNIO, 1985, p.16)

²¹ “Quando observávamos, com ardor lascivo tentaram nos aliciar, e imediatamente, um deles, excitado, ataca Ascilto, e em cima dele, prostrado no leito, tenta violentá-lo. Socorro-o imediatamente, com resistência”.

Leminski traduz os termos latinos *cinaedica petulantia* como “acrobacias sexuais”, demonstrando o “ardor lascivo” por meio de um ato sexual. Já os termos *alte succinctus* é traduzido por “pau duro”, a expressão latina sugere que o personagem já está armado/preparado para atacar sexualmente Ascilto, Leminski faz referência ao órgão sexual masculino excitado e mais uma vez utiliza uma expressão mais obscena “pau duro”, os termos latinos apenas insinuam a situação, enquanto Leminski explicita a situação em língua portuguesa.

Para o trecho “*Succurro statim patient*”²² (PÉTRONE, 1948, p.14), Leminski utiliza uma brincadeira, criando uma situação mais erótica para dizer que conseguiu salvar o amigo daquele que tentava aliciá-lo, nesta situação utiliza mais um expressão para o ato sexual, “faturar o lordo”, no caso “lordo” é uma gíria brasileira para nádegas, e brinca com a fala de Encólpio ao gritar “esse cu é só meu”, para dizer que o companheiro era dele e, portanto, deveria salvá-lo. Nesse caso, o substantivo “cu”, que também é utilizado como termo depreciativo e coloquial, funciona como uma metonímia para “Ascilto”, ou seja o companheiro era só dele e de mais ninguém.

Ao voltar para estalagem, Encólpio descobre que Ascilto havia se aproveitado de Gitão, e fica muito furioso de tal forma que grita com o companheiro: “*Quid dicis, inquam, muliebris patientiae scortum, cujus ne spiritus quidem purus est?*”²³ (PÉTRONE, 1948, p.16). Sullivan traduz este trecho utilizando expressões coloquiais referentes aos termos eróticos em latim, porém ainda mantém uma forma mais literal, do seguinte modo “*What have you to say, you round-heeled tart! Your very breath stinks from*

²² “Socorro, imediatamente, ao que sofria”.

²³ “O que você diz, sua bicha de passividade feminina, de quem nem o hálito, certamente, é puro?”.

*your dirty ways!*²⁴” (PETRONIUS, 2011, p.38). Sullivan utiliza a gíria “*round-heeled*²⁵”, que se trata de um termo da época para denominar uma mulher propensa a assumir uma posição passiva e o substantivo “*tart*²⁶”, utilizado coloquialmente de forma depreciativa e ofensiva para denominar uma mulher que se veste de forma atrativa para atrair o homem, ou informalmente um termo ofensivo para “prostituta”. O tradutor utiliza também o verbo “*stink*²⁷” que é um termo informal para se referir a algo que cheira mal. Leminski, mais uma vez traduz o sentido geral do trecho, porém, como temos constatado, utiliza o extremo da linguagem vulgar, deixando explícito os termos obscenos da fala do personagem “- Você foi capaz disso – gritei, seu chupador de buceta de puta, seu grandessíssimo viado, com boca cheirando a porra!” (PETRÔNIO, 1985, p.17). Segundo Richlin (1978, pp.63-64), o ato sexual passivo entre homossexuais era desprezível para a literatura sexual em Roma, por isso quando Encólpio xinga Ascilto de *muliebris patientiae* ele está realmente ofendendo o companheiro, comparando-o a uma prostituta que se submete passivamente. A autora também comenta que era recorrente o uso de eufemismos pejorativos para se referirem ao sexo oral e que neste trecho petroniano o insulto é menos explícito, já que ele faz uma sugestão sobre o seu hálito impuro sem precisar o motivo. Sendo assim, Sullivan traduz utilizando a linguagem mais próxima ao sentido latino, não deixando de demonstrar a intensidade do insulto, ao manter a sugestão petroniana, já Leminski exagera na coloquialidade linguística e, conseqüentemente, na

²⁴ “O que você tem a dizer, sua prostituta! Sua própria respiração fede de seus caminhos sujos!”

²⁵ Ver The Oxford English Dictionary (SIMPSON; WEINER, 1991, doravante OED), “(slang) sexual compliant woman”.

²⁶ Ver Macmillan English Dictionary (RUNDELL, 2007, doravante MACMILLAN) “an offensive word for a woman who dresses or behaves as if she wants to attract men and have sex” (2); “an informal and offensive word for a woman who is a prostitute” (2a).

²⁷ Ver MACMILLAN, informal “to smell very unpleasant” (1).

intensidade do insulto utilizando-se de termos obscenos mais explícitos e oferecendo sua interpretação aos subentendidos.

Depois de ouvir estes insultos Ascilto fica indignado e grita com Encólpio mais forte ainda: “*Non taces, nocturne percussor, qui ne tum quidem, cum fortiter faceres, cum pura muliere pugnasti?*”²⁸ (PÉTRONE, 1948, p.16). Assim como destacou Richlin (1978, p.66), Ascilto, como na fala anterior de Encólpio, tenta dizer coisas horríveis para o companheiro, mas sem utilizar uma linguagem propriamente obscena, utilizando eufemismos. Sullivan nesta passagem mais um vez mantém a linguagem próxima da língua latina, conservando os eufemismos, porém utilizando expressões da coloquialidade: “*Shut up, you stab-in-the-dark! Even when you were at your best, you never managed to lay a decent woman*”²⁹ (PETRONIUS, 2011, pp.38-39). Leminski, como temos demonstrado, utiliza mais uma vez expressões diretamente obscenas e extremamente coloquiais, para expressar o sentido de certa forma amenizado em língua latina: “Por que é que não fecha essa matraca, assaltante noturno, que nem quando teu pau ficava duro nunca comeu uma mulher de verdade?” (PETRÔNIO, 1985, p.17).

Depois da discussão, Encólpio e Ascilto resolvem se separar e este último desaparece, sem dizer palavra. Encólpio procura por toda cidade sem obter sucesso e então, volta para a estalagem, onde estava Gitão. Chegando lá aproveita para ter um momento a sós com o menino, “*Postquam lustravi oculis totam urbem, in cellulam redii; osculisque tandem bona fide exactis alligo arctissimis complexibus puerum, fruoque votis usque ad invidiam*

²⁸ “Não vai calar a boca, contraventor noturno, que nem sequer quando agia energeticamente, se meteu com uma mulher pura?”

²⁹ “Cale-se você, traidor noturno! Mesmo quando você estava no seu melhor, você nunca conseguiu se deitar com uma mulher decente”.

*fellicibus*³⁰” (PÉTRONE, 1948, p.18). Sullivan, como estamos demonstrando, mais uma vez traduz de forma bastante direta, só que dessa vez ameniza até mesmo os adjetivos latinos, da seguinte forma: “*I looked everywhere in the town before going back to our little room. At last I enjoyed his kisses without looking for excuses. I held the boy in my arms as though I’d never let him go. I had what I wanted and anyone would have envied me my luck*”³¹ (PETRONIUS, 2011, p.39), ele não traduz os sintagmas latinos *bona fide*, que adverbializa *osculis*, dizendo apenas ter sido beijos “sem pedir desculpas”, também ameniza os termos *fruo* e *votis*, não deixando-os explícito, mas apenas dizendo que “teve aquilo que queria”. Leminski, por sua vez, utiliza a linguagem informal, enfatizando o erotismo e transpondo o tom do texto latino: “Depois de ter fuçado com os olhos por toda a cidade, voltei para o quarto da estalagem; e dando-lhe uns beijos de língua, estreito Giton entre meus braços e, abraçando-o com toda a força, desfruto de delícias de dar inveja ao mais feliz dos mortais” (PETRÔNIO, 1985, p.18). Leminski enfatiza o sintagma latino *bona fide*, ao traduzir por “uns beijos de língua”, o que equivale, informalmente, em língua portuguesa, a “beijos de verdade” e para o latino *fruo votis*, traduz com a expressão “desfrutar de delícias”, utilizando o substantivo “delícia” como algo que dá prazer e gozo, relacionando ao ato sexual, o que transpõe de forma satisfatória o significado do termo latino *fruo* como aproveitar ou gozar, no seu sentido sexual (RICHLIN, 1978, p.172).

³⁰ “Depois que percorri com os olhos toda a cidade, voltei para o quartinho; e, finalmente, após beijá-lo de verdade, apertei o menino com abraços mais profundos e gozei desejos de causar inveja até nos mais felizes.”

³¹ “Eu olhei todos os lugares da cidade antes de voltar para o nosso quartinho. Por fim, aproveitei de seus beijos sem pedir desculpas. Eu segurei o menino em meus braços como se eu nunca quisesse deixá-lo ir. Eu tive o que eu queria e qualquer um teria invejado de mim a minha sorte”.

Depois de passarem por inúmeras peripécias, os amigos acabam profanando o templo e a celebração a Priapo, deus da fertilidade e, descobertos, sofrem vinganças, acusados pela sacerdotisa Quartila. Foram levados para o palácio da sacerdotisa onde seriam vingados. Logo que chegaram, a serva Psiquê tentou excitar Ascilto, como demonstra o texto: “*sollicitavit inguina mea, mille jam mortibus frigida*”³² (PÉTRONE, 1948, p.52). Sullivan ignora o substantivo latino *inguina* e diz apenas que a serva tentou excitá-lo, da seguinte forma: “*She tried to excite me, but the thing was cold with the chill of a thousand deaths*”³³ (PETRONIUS, 2011, p.39). O verbo latino *sollicito*³⁴ é utilizado em contextos sexuais e, nesta passagem, juntamente com o substantivo *inguen* traz uma conotação clara para o texto latino. Leminski aproveita mais uma vez a sugestão ao ato erótico da ação e da linguagem em latim e transpõe de forma coloquial: “e começa a bolinar o meu pau, já frio de mil mortes” (PETRÔNIO, 1985, p.36). Ao invés de traduzir pelo verbo “excitar”, Leminski utiliza o verbo “bolinar”, que se trata de um termo vulgar em língua portuguesa no Brasil, como indica a primeira acepção do Caldas Aulete “Encostar-se em (alguém) com fins libidinosos” e, referentemente ao substantivo atenuante em latim *inguen*, utiliza-se mais uma vez de um termo vulgar e direto para se referir ao órgão sexual masculino, o substantivo “pau”.

Os garotos não tiveram escolha e mesmo querendo fugir das armadilhas de Quartila continuaram sendo reféns de seus atos libidinosos: “*Ultimo cinaedus supervenit, myrtea subornatus gausapa, cinguloque succinctus.*

³² “Excitou minhas partes baixas, já frias de mil mortes”.

³³ “Ela tentou me excitar, mas a coisa estava fria com o frio de mil mortes”.

³⁴ Ver OLD que cita de Ovídio, Amores e Marcial (in sexual context) “to rouse, excite (passions) (4b)”.

*Modo extortis nos clunibus cecidit, modo basiis olidissimis inquinavit*³⁵ (PÉTRONE, 1948, p.54). Sullivan traduz da seguinte forma: “*Finally, up came a male prostitute, dressed in myrtle-green shaggy felt, which was tucked up under a cherry-red belt. He pulled the cheeks of our bottoms apart and banged us, then he slobbered vile, greasy kisses on us*”³⁶ (PETRONIUS, 2011, p.46). Já Leminski em língua portuguesa: “Por fim, entrou uma bicha horrorosa, só com uma tanguinha verde, e começou a nos beijar e a nos meter na bunda” (PETRÔNIO, 1985, p.37). O termo latino *cinaedus* segundo Richlin (1978, pp.280-287) é utilizado por Petrônio para zombar de um homem descaradamente efeminado, e segundo a autora é um termo depreciativo. Sullivan utiliza um substantivo mais formal “*prostitute*” e Leminski mais uma vez o coloquial “bicha”, que segundo Caldas Aulete é um termo vulgar em português do Brasil para caracterizar um “homossexual masculino”. O verbo latino *caedo*³⁷ tem uma conotação sexual em latim, Sullivan utiliza o verbo “bang”, que também tem como sentido primeiro “bater, fazer barulho”, mas que no caso se trata de uma gíria em língua inglesa para o ato sexual³⁸ e indica que, neste caso, o ato se relaciona às nádegas descrevendo o ato “*He pulled the cheeks of our bottoms apart*”³⁹. Leminski também utiliza um termo coloquial para o ato sexual em língua portuguesa, o verbo “meter” e se refere ao ato na parte traseira do corpo, “bunda”, traduzindo o substantivo latino *clunis*. Percebe-se que existe uma ambiguidade no trecho latino referente

³⁵ “Por fim, chegou uma bicha travestida, enfeitada com um manto cor de murta, levantado até a cintura. Ora nos bateu com suas nádegas desconjuntadas e ora nos sujou com seus beijos muito malcheirosos”.

³⁶ “Finalmente, apareceu uma prostituta, vestida com um felpudo verde-mirtilo, que estava escondido sob um cinto vermelho-cereja. Ele separou as nádegas de nossa bundas e penetrou-nos, então ele nos lambeu sordidamente com gordurosos beijos em nós”.

³⁷ Ver OLD, que cita de Catulo “used to sexual intercourse” (2).

³⁸ Ver OED, “an act of sexual intercourse” (6).

³⁹ “Ele separou as nádegas de nossas bundas” (tradução nossa).

à passagem “*extortis nos clunibus cecidit*”, que pode ser interpretado como “tendo torturado nossas nádegas” ou “tendo suas nádegas nos torturado”, verificamos que os dois tradutores escolheram a primeira interpretação, já em nossa leitura priorizamos a segunda.

Em alguns momentos Leminski modifica o sentido dos termos latinos para enfatizar ainda mais o tom jocoso e erótico das cenas, como neste caso, a frase latina diz: “*Intraverunt palaestritae quamplures, et nos legitimo perfusos oleo refecerunt*”⁴⁰ (PÉTRONE, 1948, p.54). Ainda no palácio de Quartila a cena em questão é demonstrada logo em seguida à cena referida anteriormente, portanto já aproveitando o clima dos acontecimentos anteriores, Leminski traduz o substantivo latino *palaestritae* por “putinhas lindas” em português, da seguinte forma: “Nisso, entraram umas **putinhas lindas**, que nos despejaram por todo o corpo um unguento caríssimo, e começaram a nos friccionar com ele” (PETRÔNIO, 1985, p.37, grifos nossos). Aproveitando a cena de alguns atletas banhando os garotos com óleo, ele faz uma brincadeira, principalmente por se tratarem de atletas, referindo-se muito provavelmente ao corpo definido destes, referindo-se no diminutivo (seguindo o latim *palaestritae*) do termo pejorativo para prostituta, “puta” e adjetivando-o como “lindas”. Neste trecho Sullivan traduz o termo literalmente, “*training attendants*”.

Retomada a festa, depois do descanso há mais uma cena referente ao ambiente de orgia: “*Intrat cinaedus, homo omnium insulsissimus, et plane illa domo dignus*”⁴¹ (PÉTRONE, 1948, p.58). Mais uma vez há o uso do termo latino *cinaedus*, que possui um sentido pejorativo, como foi comentado anteriormente. Sullivan traduz o trecho com o costureiro recato, utilizando a expressão “*male prostitute*” para se referir ao homem efeminado, “*In comes a*

⁴⁰ “Vários atletas entraram, restaurando-nos e nos banhando com óleo legítimo”.

⁴¹ “Entra uma bicha travestida, o mais abjeto de todos os homens, e inteiramente digno daquela casa”.

*male prostitute, a low creature and just what you would expect in that house*⁴² (PETRONIUS, 2011, pp. 46-47). Ele também ameniza a referência ao homem, que em latim se trata “do homem mais abjeto de todos os homens” e traduz como “*a low creature*”⁴³. Leminski refere-se ao homem como um “dançarino”, utiliza mais uma vez o termo “bicha”, para se referir a ele intensificando o sarcasmo com o advérbio “completamente”, o que está pressuposto no termo latino *cinaedus*, segundo Richlin (1978, p. 280). Dessa forma, Leminski transpõe resumidamente o sentido do trecho latino, “Entra um dançarino completamente bicha, como, aliás, tudo naquela casa” (PETRÔNIO, 1985, p. 39), parte de um preconceito frequente no Brasil de que dançarinos têm um jeito afeminado e intensifica o termo latino que induz ao insulto ao utilizar o termo coloquial “bicha”.

Logo após, o mesmo homem descrito anteriormente deita-se com Encópio e tenta aproveitar da situação: “*Mox et super lectum venit atque omni vi detexit recusantem. Super inguina mea diu multumque frustra moluit*”⁴⁴ (PÉTRONE, 1948, p. 58). Sullivan traduz, de forma literal e assim como o texto latino ameniza os termos mais vulgares da cena: “*Then he even came on the couch and tried with all his strength to pull my clothes off. He kept working away fruitlessly at my crotch*”⁴⁵ (PETRONIUS, 2011, p. 47). Para o verbo latino *molo* Sullivan traduz como “*kept working*” e para o substantivo *inguen* traduz utilizando o substantivo inglês “*crotch*”. Como demonstrado anteriormente, o texto latino é mais metafórico, servindo-se de eufemismos

⁴² “Chega uma prostituta do sexo masculino, uma criatura baixa o que justamente se esperaria naquela casa”.

⁴³ “Uma criatura inferior”.

⁴⁴ “Depois, veio sobre o leito, e mesmo o rejeitando, despiu-me com toda a força. Moeu meus órgãos genitais, muito e longamente, em vão”.

⁴⁵ “Então ele chegou no sofá e tentou com todas as suas forças tirar minhas roupas. Ele continuou trabalhando sem sucesso na minha virilha”.

pejorativos, nesse caso o substantivo *inguen*, que não é tão explícito ao órgão sexual masculino, mas relacionado a órgãos genitais ou até mesmo virilha e o verbo *molo*⁴⁶, que em seu sentido primeiro significa “moer, triturar o grão”, mas que é utilizado no sentido obsceno por Petrônio, aludindo à masturbação. Leminski, portanto, mantém o tom coloquial e excessivamente erótico e traduz o trecho da seguinte maneira: “deita-se do meu lado e começa a me bolinar, apesar da minha resistência. Durante muito tempo massageando meu pau, sem resultado” (PETRÔNIO, 1985, p. 39). No texto latino, em que o homem despe Encólpio, Leminski já insinua o ato sexual ao dizer que o homem “começou a bolinar”, utilizando novamente o verbo “bolinar” ao se referir ao ato sexual. Relacionado ao verbo *molo*, ele traduz por “massagear” já indicando, também, as segundas intenções pressupostas e expõe de forma clara o órgão sexual masculino, como já vem utilizando desde o início, com o termo vulgar “pau”.

Encólpio e Ascilto estavam sofrendo com aquela situação e Gitão apenas ria, de longe, até que Quartila quis saber quem era o garoto e logo quis se aproveitar dele também, porém ao colocar a mão em suas vestes sentiu seu órgão sexual ainda em formação e logo disse: “*Hoc, inquit, belle cras in promulside libidinis nostrae militabit: hodie enim post asellum diaria non sumo*⁴⁷” (PÉTRONE, 1948, p. 60). Percebe-se que Petrônio utiliza uma metáfora para indicar o ato sexual, não dizendo de forma explícita, mas referindo-se a um jantar, em que Gitão seria uma entrada e Encólpio e Ascilto o prato principal. Sullivan mantém a referência ao jantar e à comida: “*‘Tomorrow this will serve nicely as hors d’oeuvre to tempt my appetite,’ she said. ‘For the present, I don’t want any ordinary stuffing after such a nice*

⁴⁶ Ver OLD, “applied to the sexual action of the male”.

⁴⁷ “Isto militará belamente amanhã, no aperitivo de nossos desejos: hoje de fato, depois da pescada não aceito o diário”.

*codpiece*⁴⁸” (PETRONIUS, 2011, p. 48). Leminski extrapola totalmente o sentido e transpõe de forma explícita: “Mas não importa. Amanhã, vai me servir de abre-apetite para coisas maiores. Hoje, depois do cacete de jumento que acabo de levar, esse pintinho não vai nem me fazer cócegas” (PETRÔNIO, 1985, p.40). Leminski utiliza a expressão “cacete de jumento” para se referir ao ato sexual e ao tamanho do órgão sexual masculino, muito provavelmente levado pela primeira acepção do termo latino *asellum*⁴⁹, mas que segundo OLD, em Petrónio, trata-se da terceira acepção. Portanto, retomando o sentido do eufemismo do “prato principal”, para transpor o sentido latino do “aperitivo de entrada” Leminski diz explicitamente “esse pintinho não vai nem me fazer cócegas”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desses apontamentos podemos constatar que Leminski alcança o objetivo que propõe, fazer do *Satyricon*, de Petrónio, uma obra pornográfica “sob o signo da orgia e da embriaguez”. Pudemos perceber que nos trechos latinos destacados há diversas cenas eróticas no *Satyricon*. Como apontou Richlin (1978), a linguagem trabalhada por Petrónio, algumas vezes, não é explícita, utilizando de metáforas e eufemismos, para sugerir certos atos sexuais, porém, em outros momentos, podemos perceber a utilização de termos explicitamente chulos, que também fazem parte da linguagem vulgar e baixa em outros textos latinos.

Leminski influenciado pelo veículo editorial e pela sugestão de Fellini, no *Fellini Satyricon*, tende a uma maior vulgaridade, explicitando todas as cenas

⁴⁸ “‘Amanhã isso servirá bem como tira-gosto para instigar meu apetite’, ela disse. ‘Para agora, eu não quero nenhum recheio ordinário após um membro agradável’”.

⁴⁹ Ver OLD, “an ass, donkey” (1); “a fish of the cod family, prob. the hake” (3) (Petr. 24.7.).

eróticas, sem amenizá-las em língua portuguesa. Levando em consideração também sua escolha da versão latina, que, como apontamos, apresenta mais cenas eróticas que outras versões do texto, que mantêm as lacunas. Parece-nos que esse método tradutório escolhido por Leminski interpreta o *make it new* poundiano, por meio da apropriação das sugestões eróticas contidas no texto de partida e influenciado pelo propósito editorial e ideológico de sua época, a década de 1980, recria a obra petroniana, tornando-a em língua portuguesa um incontestável romance erótico. Muito do teor erótico recriado por Leminski no *Satyricon* remete também à sua obra em prosa, *Agora é que são elas*, publicada em 1984, também pela Brasiliense. Em muitos trechos do livro há um clima erótico que é declarado pelo autor de forma bem clara, assim como realizou com as cenas eróticas da obra de Petrônio. Iremos destacar aqui dois trechos que exemplificam esse tom erótico coincidente entre a tradução e a obra de Leminski:

Casamento, não era. Faltava no ar aquele clima venéreo, venusiano, dos casamentos, onde todo mundo ficava olhando para os noivos, viajando nas sacanagens que eles logo vão estar praticando, todo mundo vê nas bochechas vermelhas da noiva o fogo da expectativa de dali a pouco estar levando **um apaixonado caralho na buceta**, no nervosismo do noivo, aquela pergunta clássica: por que é que esse bando de chatos não dá o fora logo **pra eu poder comer esta mulher em paz?** Não, não havia esse clima. Olhei para o alto, e girei o olhar. Não havia cupidos voando em volta da mesa. (LEMINSKI, 1984, p.20, grifos nossos)

- Oi, **tesão**, e esse pau enorme continua **durão?** Uma lambida **nele**. Reconheci a voz. E continuei ouvindo o festival de fantasias eróticas, em nome do pai, do filho e do espírito tonto.

Pensei rapidamente, se meu nome não é aquele, se minha presença aqui é um equívoco, estou recebendo o telefonema endereçado a quem?

E daí? E envenenei todas as frases:

- **Ai, lambida gostosa. Olha só como ficou. Até parece que está maior. Passa, ai, a língua aqui, por aí, assim, assim, aí, bem aí.** (LEMINSKI, 1984, p.76, grifos nossos)

Pode-se constatar, portanto, nos trechos destacados, que a linguagem empregada por Leminski na obra *Agora é que são elas*, publicada um ano antes da tradução do *Satyricon*, aproxima-se do tom coloquial e direto que Leminski utilizou nos trechos eróticos da obra latina, revelando assim seu estilo próprio e a tendência literária da época.

Por outro lado, analisando a tradução de Sullivan, não podemos inferir o mesmo, pois, como destacamos, nos mesmo trechos traduzidos por Leminski, o tradutor norte americano não executa seu objetivo primeiramente proposto de apresentar um tradução sob a influência poundiana e de liberdade linguística, mesmo se propondo a traduzir uma obra de teor erótico. Muitos desses trechos ainda são amenizados pelo tradutor, mesmo quando os termos latinos são mais explícitos.

Levando em consideração a definição de tradução feita por Cardozo ao dizer que “toda tradução se funda num conjunto de decisões que instaura a própria ordem crítica dessa prática discursiva” (CARDOZO, 2009, p. 109), voltamos o olhar ao *projeto de tradução* de Sullivan e Leminski, que segundo o autor é a “matriz crítica, o conjunto de decisões que possa ter orientado a proposta de tradução em questão” (CARDOZO, 2009, p. 109).

Diante das análises dos trechos destacados, pudemos perceber, que, apesar de Sullivan levar em consideração os ideais tradutórios de Pound e publicado sua tradução em um momento característico de abertura política e de liberdade de expressão, ainda assim ele acaba amenizando os sentidos mais eróticos ou coloquiais da linguagem presentes no texto de partida. Por outro lado, Leminski extrapola esses sentidos e produz uma tradução totalmente voltada aos ideais poundianos de recriação da obra de partida, atualizando os termos para a linguagem e o contexto de sua época e utilizando uma linguagem voltada para o coloquial e de registro mais baixo, indo além da linguagem diferenciada e também popular e baixa do texto latino.

BIBLIOGRAFIA

- ABATE, F. *The Oxford Dictionary and Thesaurus*. New York: Oxford University Press, 1996.
- AULETE, C. *Aulete digital – Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Dicionário Caudas Aulete, Lexikon, 2007. Acessado em: 10 de outubro de 2015. Disponível em: <http://www.auletedigital.com.br>.
- CAMPOS, A. Ezra Pound: “Nec Spe Nec Metu” (introdução). In: POUND, E. *Poesia*. Trad. de Augusto de Campos [et all]; textos críticos de Haroldo de Campos. São Paulo: Hucitec, 1993. pp. 13-40.
- CARDOZO, M. M. *O significado da diferença: a dimensão crítica da noção de projeto de tradução literária*. In: Tradução e Comunicação Revista Brasileira de Tradutores, nº 18. São Paulo: UNIBERO, 2009.
- ELIOT, T. S. *The Sacred Wood: Essays on Poetry and Criticism*, 1921.
- GLARE, P. G. W. *Oxford Latin Dictionary*. London: Oxford University Press, 1968.
- LEMINSKI, P. *Agora é que são elas*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MARMORALE, E. V. *La questione petroniana*. Bari: Laterza, 1948.
- MILTON, J. *Tradução: Teoria e Prática*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

- PÉTRONE. *Le satiricon*. Trad. de Maurice Rat. Paris: Garnier, 1948.
- PETRÔNIO. *Satyricon*. Trad. de Paulo Leminski. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PETRONIUS. *The Satyricon and the fragments*. Translated by John P. Sullivan, introduction and notes by Helen Morales. Baltimore: Penguin Books, 2011.
- POUND, E. *Abc da Literatura*. Trad. Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1970.
- RICHLIN, A. E. *Sexual Terms and Themes in Roman Satire and Related Genres*. A Dissertation presented to the Faculty of the Graduate School of Yale University in Candidacy for the Degree of Doctor of Philosophy, 1978.
- RUNDELL, M. (Ed.). *Macmillan English Dictionary*. London: Macmillan Publishers, 2007.
- SARAIVA, F. R. S. *Novíssimo dicionário latino-português*. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2006.
- SIMPSON, J. A., WEINER, E. S. C (Ed.). *The Oxford English Dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 1991.